

O GRANDE DESASTRE AÉREO DE ONTEM

Vejo sangue no ar, vejo o piloto que levava uma flor para a noiva, abraçado com a hélice. E o violinista em que a morte acentuou a palidez, despenhar-se com sua cabeleira negra e seu estradivário. Há mãos e pernas de dançarinas arremessadas na explosão. Corpos irreconhecíveis identificados pelo Grande Reconhecedor. Vejo sangue no ar, vejo chuva de sangue caindo nas nuvens batisadas pelo sangue dos poetas mártires. Vejo a nadadora belíssima, no seu último salto de banhista, mais célere porque vem sem vida. Vejo três meninas caindo rápidas, enfundadas, como se dansassem ainda. E vejo a louca abraçada ao ramalhete de rosas, que ela pensou ser o paraquedas; e a primadona com a longa cauda de lantejoulas riscando o céu como um cometa. E o sino que ia para uma capela do oeste, vir dobrando finados pelos pobres mortos. Presumo que a moça adormecida na cabine ainda vem dormindo, tão tranquila e cega! Ó amigos, o paralítico é que desce com extrema rapidez, como uma estrela cadente, com as pernas do vento. Chove sangue sôbre as nuvens de Deus. Os poetas míopes pensam que é o arrebol.